



LamiraArtesCenicas

WWW.LAMIRA.COM.BR



artes cênicas 15 anos

lamira



Lamira
artes cênicas

15
anos

PALMAS . TOCANTINS . BRASIL



HENRIQUE ROCHELLE

LAMIRA ARTES CÊNICAS 15 ANOS

@Copyright 2025
Lamira Artes Cênicas e
Henrique Rochelle

Texto e Organização
Henrique Rochelle

Design Gráfico
Maíra Zannon | Ilha Design

Produção
Carolina Galgane

Impressão
GH Comunicação Gráfica

Primeira Edição

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rochelle, Henrique	
Lamira : artes cênicas 15 anos / Henrique Rochelle. -- Palmas, TO : Lamira Artes Cênicas, 2025.	
ISBN 978-65-989466-0-9	
1. Artes cênicas 2. Dança 3. Teatro 4. Tocantins (TO) - Aspectos culturais I. Título.	
25-313294.0	CDD-791

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes cênicas : Artes da representação 791

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



Foto: Flaviana OX



Em maio de 2016, parei para me debruçar sobre o que era, então, a Lamira e o que desejava comemorar naqueles 5 anos de existência. Hoje retomo a difícil tarefa de escrever sobre a Lamira, que comemora 15 anos de existência.

São tantos fazeres, tantas situações, acontecimentos, pessoas, contextos (políticos, econômicos, sociais, pessoais, regionais). São também, tantos encontros com o outro, consigo, com os outros, com os contextos diversos e singulares de tudo que cruzamos em nós, dentro de nós, da Lamira, pela Lamira, com o nosso País e com outros países. São tantas multiplicidades que reverberam em nós, sobre nós, assim como nós reverberamos

em outros — em cada pessoa que encontramos durante essa caminhada.

Quando começamos a existir, lá em 2010, não sabíamos nem se chegaríamos a existir. Surgimos do lugar mais profundo de nós mesmos, de nossas escolhas de vida, e de como viver esta vida nos faz concretizá-la.

Em 2016, comemorando os 5 anos da Lamira, surgiram perguntas: O que é a Lamira? O que comemoramos? O que fazemos? Na época eu não sabia as respostas... Tinha algumas opiniões, mas tinha perguntas!

Hoje, as perguntas partem de um lugar onde já se possui a experiência e o olhar daqueles que percorreram todo o Brasil (de norte a sul, literalmente). De quem olhou e viu a realidade e o poder das artes

da cena chegando para as mais de 75 mil pessoas que estiveram conosco nestes percursos feitos na rua, no palco italiano, mas também dentro de ONG's, centros assistenciais, quadras esportivas, estacionamentos públicos, areias de dunas, de praias e nos locais mais diversos possíveis, dessacralizando estruturas, realidades, espaços e públicos.

Trouxemos para perto os desejos de quem foi movido pela curiosidade, pelo desconhecido (de nunca ter visto artes cênicas), ou de já acompanhar a arte da Lamira e querer se fortalecer de contentamento, beleza, estética, reflexão e perspectivas.

Queria poder registrar neste texto todas as alegrias que proporcionamos e vivemos, todos os aprendizados trocados, todas as lutas vencidas e perdas.

O caminho percorrido é intraduzível, é impossível de ser lido e visto, o caminho é igual a experiência.... só pode ser vivido — e compartilhado com todos aqueles que nos encontram.

Não é fácil comemorar 15 anos, mas é uma alegria e uma grande conquista ver esse caminho se construir, ser registrado e fazer parte da vida, da história e dos afetos de tantas pessoas.

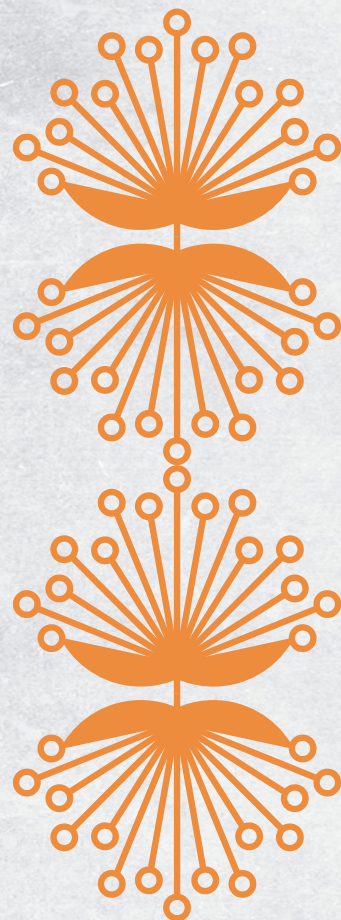
Nossos 15 anos foram cuidadosamente construídos com muita dedicação, muito esforço, muitas escolhas e privações, dia após dia. Erguidos, elaborados e materializados por tantas mãos — feitos artesanalmente por um conjunto de “gentes” especiais (que é, que foi, que constrói, que vê e que acompanha Lamira).

Temos muito a agradecer, a comemorar e re-existir para que mais anos cheguem! Que este livro possa compartilhar essa nossa celebração.

Viva tudo, nesses nossos 15 anos de Lamira Artes Cênicas! Boa leitura!

Carolina Galgane





Em 2025, a Fundação Nacional de Artes – Funarte celebra 50 anos de existência, reafirmando sua missão de fomentar e fortalecer a criação artística no Brasil em todas as suas linguagens. Nesse marco histórico, é motivo de orgulho para a instituição reconhecer e saudar a trajetória da Lamira Artes Cênicas, de Palmas (TO), que nesse mesmo ano completa 15 anos de atividades ininterruptas.

A história da Lamira se entrelaça à da Funarte por sua participação contínua em uma série de editais e programas que, ao longo do tempo, colaboraram para que o grupo desenvolvesse espetáculos, a circulação de suas obras e a ampliação da difusão e do acesso à uma linguagem original e contemporânea.

Esse percurso evidencia não apenas a relevância artística da Lamira, mas também a importância da continuidade das políticas públicas de cultura, que possibilitam a consolidação de coletivos em diferentes regiões do país e asseguram que a diversidade da produção artística brasileira seja valorizada e difundida.

Ao celebrar a Lamira em seus 15 anos, a Funarte também reafirma o legado de cinco décadas de atuação em favor das artes, reconhecendo que trajetórias como a desse grupo dão sentido e vitalidade à existência da instituição.

Funarte saúda a Lamira, pela parceria institucional e através dessa trajetória, a potência da produção brasileira, reafirmando em seus 50 anos o intrínseco compromisso com o Brasil das artes.

Rui Moreira

Gestor cultural, bailarino, coreógrafo, professor de dança graduado pela UFRGS e Doutor em Artes pela UFMG. Desde o ano de 2003 ocupou a diretoria do DACEN Diretoria de Artes Cênicas da Fundação Nacional de Artes, órgão vinculado ao Ministério da Cultura. Após a reestruturação institucional da Funarte em 2025, está diretor do CEDANCA Centro de Dança da Funarte.

Entre os principais reconhecimentos conquistados pelo grupo junto à Funarte, destacam-se:

Programa Klauss Vianna de Dança

2009 – Na Palma dos Olhos
2011 – Adorno da Realidade
2012 – Circulação Do Repente
2013 – A Rua que Nunca Estive
2014 – Maturando
2015 – Percepções Adornadas

Prêmios Funarte

2011 – Prêmio Artes de Rua
2012 – Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz
2013 – Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz
2020 – RespirArte
2020 – Acessibilidade Virtual – Lua de Mel
2022 – Circulação e Difusão da Dança – Sobre Si

Programa Funarte Ações Continuadas para Grupos e Coletivos

2023 – Lamira Viva!
2025 – Lamira Conecta!



ÍNDICE

- 12 DANÇAR EM PALMAS, TOCANTINS
- 16 UMA COMPANHIA DE ENCONTRO
- 24 UM ENCONTRO COM PALMAS

ESPETÁCULOS

- 34 FELA DA GAITA
- 44 DO REPENTE
- 54 ADORNO DA REALIDADE
- 64 GIBI
- 74 OLHAI POR NÓS
- 84 QUANDO DORMES
- 94 LUNA DE MIEL
- 104 SOBRE SI
- 114 A JORNADA DE KOKORO



OUTROS PROJETOS

- 128 MATURANDO
- 130 MULHERES DA CENA
- 132 FESTIVAL MULTIVERSO - EDIÇÃO CIRCO
- 134 PLATAFORMA A DOCE MATÉRIA MATER
- 136 SEMINÁRIO DE MEDIAÇÃO CÊNICA E ESCRITA CRÍTICA
- 140 15 ANOS DE ARTES CÊNICAS
- 144 CIRCULAÇÃO
- 146 PROJETOS
- 148 COLABORADORES E AGRADECIMENTOS



DANÇAR EM PALMAS, TOCANTINS

Passando as portas de vidro do aeroporto Brigadeiro Lysis Rodrigues, o calor já te faz se sentir em um lugar diferente. Palmas envolve, abraça, gruda, pela sua temperatura, mas não só. Você passa por cima do Ribeirão Taquaruçu Grande e segue o caminho pela Teotônio (a Avenida Joaquim Teotônio Segurado), que você ainda não sabe, mas vai se tornar a sua principal guia por Palmas, dividindo a cidade de ponta a ponta, norte a sul.



Na Teotônio, o olhar atento já te aponta no chão várias casinhas improvisadas pela população que abrigam as corujas-buraqueiras. E, olhando para o alto, você vê as araras, em seus ninhos, no que sobrou de várias palmeiras imperiais, que também servem a elas de alimento. Se der sorte com os horários, você vê já no seu primeiro dia a revoada das araras, cruzando o céu da cidade.

Você repara bem na paisagem do entorno: ela mistura a natureza local, a diversas árvores trazidas de fora, e a um imenso canteiro de obras. Capital mais jovem do Brasil, fundada em 1989, Palmas está em obras constantes. A próxima vez que você passar por lá, você vai ver o avanço de algumas obras, o início de outras tantas e um cenário em constante transformação.



Foto: Flaviana OX



Dizem que é assim desde que a cidade começou a ser construída, sete meses depois que o estado do Tocantins foi criado pela Constituição de 1988. A população, inicialmente restrita aos trabalhadores do interior do estado e de outros estados vizinhos, em 1991, já passava de 24 mil habitantes; em 2000, de 130 mil; e, em 2024, chega aos 323 mil, que moram na cidade com o maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Norte brasileiro.

De quase qualquer lugar da cidade você vê seus contornos: a Serra do Lajeado e a Serra do Carmo. E as placas te indicam uma surpresa, apontando sempre para o oeste de Palmas: Praias. Na beira do grande lago represado pela Usina Hidrelétrica de Lajeado no Rio Tocantins, cinco praias convidam a cidade e seus turistas a verem o pôr-do-sol avermelhado de Palmas e a se banharem para se refrescar do calor, que facilmente passa dos 30°C.



É fácil perceber os turistas na cidade: normalmente são os que se atrevem a sair na rua durante o dia. Os palmenses mesmo só encontramos fora dos carros e do ar condicionado depois que o sol começa a baixar. Com cara de preparados para um mochilão, os turistas estão por toda a cidade, quase sempre recém-chegados do Jalapão, ou prestes a partir para lá.

Da Praça dos Girassóis, cartão-postal e central de Palmas, passando pelo Parques dos Povos Indígenas e pelo Parque Cesamar, com uma parada estratégica pela Feira do Bosque, ou pela Feira da 304 Sul, Palmas mostra seu contraste entre a cidade planejada e o coração do Cerrado Brasileiro. Babaçu, Buriti e o Capim Dourado são as matérias-primas do artesanato que se encontra por toda parte e que dão nome a tantos estabelecimentos.



DANÇAR EM PALMAS, TOCANTINS

Foi nesse território sempre cheio de surpresas que brotou mais uma: uma companhia de dança. Ou melhor, um grupo de artes cênicas. O trabalho por esse território de misturas também favoreceu essa criação mista que é a Lamira Artes Cênicas, que surge em Palmas em 2010, por artistas que eram recém-chegados à cidade. Ali eles fizeram casa e se tornaram, também, parte do cartão-postal do Tocantins, passando por mais de cem cidades no Brasil e no exterior, em diversos festivais e eventos, e colecionando premiações e reconhecimentos.

Em 2025, a Lamira comemora seus 15 anos, e este livro reconta e celebra a sua história, a história dos seus espetáculos e a história desse projeto, que mistura a beleza da flor do pequi com a força das cachoeiras do Taquaruçu, em um resultado único, que só poderia existir nesse lugar, com essas pessoas.



UMA COMPANHIA DE ENCONTRO

A Lamira Artes Cênicas surgiu do encontro. Dois encontros, mais precisamente: o encontro entre Carolina Galgane e João Vicente, e depois o encontro deles com Palmas.

João nasceu no Rio Grande do Norte, em Jardim do Seridó. Ele não lembra, mas a família diz que desde muito pequeno ele assistia aos “Concertos para a Juventude”, que nas manhãs de domingo apresentava música clássica e algumas apresentações de dança na programação da TV aberta.



Foto: Mila Petrillo e Jorge Etecheber

O que ele lembra mesmo é das reuniões do escotismo e do espaço para a montagem de cenas teatrais. A dança apareceu um pouco mais tarde, na Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte, onde os alunos podiam variar suas atividades físicas. Foi lá que em algum momento um amigo sugeriu que eles fizessem aulas de dança.

Passaram a participar do grupo de danças populares e do grupo de dança contemporânea da escola, e foram fazer aulas no Ballet Municipal de Natal, criado e dirigido por Roosevelt Pimenta, que também convidou João para dançar na companhia da escola.

Depois, João fez aulas com a Corpo Vivo Cia de Dança, de Diana Fontes. Lá, passou a dançar com a companhia, e seguiu na carreira, dançando no Balé Teatro Castro Alves, Quasar Companhia de Dança, Quik Cia de Dança, Camaleão Grupo de Dança e, em 2004, Grupo Corpo.





João dançava no Corpo quando foi assistir a um ensaio da Cia Mário Nascimento, no qual notou uma bailarina dançando com uma calça toda colorida. Era Carolina Galgane.

Carol não começou a vida dançando. Natural de Belo Horizonte, tinha pouca gente de artes na família, e muito incentivo para o esporte, então experimentou várias modalidades – hipismo, natação, vôlei, basquete... Na escola, uma professora de educação física montava apresentações, e ela foi participando de tudo. Gostou da dança, mas sentia que tinha pouco espaço para se destacar. Foi quando uma amiga falou da escola do Palácio das Artes, da Fundação Clóvis Salgado.

Logo fez a prova para entrar na escola, mas não passou, porém também não perdeu a vontade. Começou a fazer aulas na escola do Grupo Corpo, e no ano seguinte entrou para a Fundação. Seguiu por três anos dançando nas duas escolas, antes de ficar só na Fundação.



Quando a Fundação fez um grupo jovem e começou a participar de festivais, Carol percebeu que queria fazer carreira na dança. Ela terminou a formação profissional em 2002 e ficou como estagiária na Companhia do Palácio em 2003. Lá, participou da vida da companhia, aprendeu obras do repertório e fez parte das montagens, porém, no ano seguinte, a companhia não tinha verba para efetivar novas contratações.

Então, Carol foi dançar com a Cia Mário Nascimento, que, em 2002 tinha se transferido de São Paulo para Belo Horizonte e tinha apoio da Fundação Clóvis Salgado, onde Carol já havia trabalhado com o coreógrafo. Foi em 2005, durante um ensaio da companhia em que Carol trabalhava, que João a viu dançando.

Eles contam desse primeiro momento com o brilho nos olhos de quem se encanta. Mas leva um tempo para eles de fato saírem e se aproximarem.



Foto: Flaviana OX



Isso vai acontecer no ano seguinte, em 2006. Depois, foi um pulo de só seis meses até o casamento na Nossa Senhora da Boa Viagem, no dia 16 de dezembro – data que conseguiram por absoluta sorte: uma outra cerimônia tinha sido desmarcada.

A partir de 2007, Carol deu aulas na escola do Corpo. Nesse ano também fez uma especialização em Dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA): Carol sempre foi dada aos estudos, e havia se formado em 2005 pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em Farmácia, enquanto dançava. Depois, os estudos vão continuar na Lamira: João se formou em Teatro, Carol fez mestrado e doutorado e, em 2022, se tornou professora da Federal do Norte do Tocantins.





Foto: Flávia OX

UMA COMPANHIA DE ENCONTRO

Antes disso, depois da especialização, Carol sentiu falta dos palcos, e, em 2008, dançou com o Grupo de Dança Primeiro Ato. Fez aulas com a companhia e participou como convidada dos processos de criação e remontagem do grupo, mas, de novo, não havia uma previsão de contratação efetiva. Ela também havia tentado outras audições, mas naquele momento começou a sentir que Belo Horizonte não lhe cabia mais.

Foi quando sua mãe, Guadalupe, recebeu um e-mail sobre Palmas, uma cidade promissora no norte do país. Logo na sequência, Carol ficou

sabendo de um concurso para dar aulas na Fundação Cultural de Palmas.

Era um contrato de duração determinada, mas tinha um bom salário, e ela também via a oportunidade de procurar outros trabalhos na área da farmácia. Parecia um chamado inesperado. Uma coincidência sugestiva, bem quando ela questionava o que poderia fazer em Belo Horizonte.

E assim foi tomada a decisão: começar do zero. João também prestou concurso, saiu do Corpo, e, em 2009, os dois começaram de novo em Palmas.



UM ENCONTRO COM PALMAS

Chegando em Palmas, os dois se depararam com uma enorme mudança de realidade. Entender um lugar novo e hábitos novos é sempre um processo interessante. Para os artistas, mais que interessante, ele é produtivo, porque tudo se desdobra em criatividade, em formas de apresentar e transformar essa realidade. O encontro com Palmas foi fundamental para Carol e João porque eles chegaram à cidade focados no ensino da dança, e foi a cidade que os puxou de volta para a criação artística.



Nessa época, eles dividiram uma casa com outros dois artistas recém-chegados a Palmas, Brenno Jadvas e Eliene Rodrigues. Entre as conversas, o desejo de criar foi se fortalecendo. Esse desejo foi encontrar vazão por conta da Fundação Nacional de Artes (Funarte), para onde mandaram dois projetos de criações. Em 2009, com um tanto de surpresa e felicidade, os dois projetos foram premiados, com o Prêmio Funarte de Dança Klauss Vianna e o Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz.





Foto: Rodolfo Ward



Esses dois prêmios eram novidades na cena: foram criados em 2006 para fomentar a produção artística nacional. Foi por meio deles que Carol e João fizeram suas primeiras criações no Tocantins: “Na Palma dos Olhos” e “Sol nos Olhos”, no coletivo que chamaram de Grupo de Tresmaria, que estreou no início de 2010.

Os dois primeiros trabalhos partem de um mesmo universo: o contato com Palmas e o impacto de sua particularidade. Vários aspectos da cidade e de sua cultura organizam cenas e propostas: da cor do pôr-do-sol, a geografia urbana, a organização de Palmas em retas e rotatórias, passando desde a trilha sonora que referencia músicas ouvidas por lá, até a reflexão sobre a presença constante de espaços religiosos pela jovem cidade.

As duas obras caminham por focos diferentes: “Na Palma dos Olhos” bem calcada nas experiências dos dois com a dança contemporânea, e “Sol nos Olhos” abrindo mais espaço para a encenação teatral, ainda que faça um teatro físico, de muita proximidade com a dança.



“Sol nos Olhos” foi um projeto pontual, porém o envolvimento de João e Carol com tantas outras companhias de dança colaborou para abrir espaço para a continuidade de “Na Palma dos Olhos”.

Eles convidaram a crítica de dança Helena Katz para Palmas, e ali ela conheceu o trabalho. Em texto elogioso publicado em 24 de março de 2010 no *Jornal O Estado de S. Paulo*, a crítica comenta que “o mais importante nessa obra é a sua existência, por representar o que representa: a possibilidade da dança proliferar na diversidade e vir a se transformar em uma manifestação cultural fortemente apoiada pelas populações com as quais convive”.

Depois, “Na Palma dos Olhos” ainda se apresentaria dentro do Projeto Primeiros Passos do Sesc Pompeia, na capital paulista, e em Belém, no Pará, além de outros espaços pelo Tocantins. Saudado como um cartão de visita de Palmas, “Na Palma dos Olhos” levou, ainda em 2010, ao estabelecimento de um grupo fixo, de atividades contínuas, que surge dessa mistura de fontes artísticas e do acolhimento desses artistas por Palmas: a Lamira.

A partir dali, se desenha um caminho que é levado pelas criações da companhia e por suas muitas circulações. Nos quinze anos de Lamira, foram uma dezena de espetáculos e diversos outros projetos que seguem os seus caminhos de produção, de divulgação e de reflexão sobre as artes cênicas.

Isso tudo não aconteceu sem dificuldades. Se a Lamira tem uma história notável de apoios e patrocínios para a realização de seus espetáculos, o trabalho por trás desses apoios, a busca e a inscrição de projetos são um processo ainda maior, ainda mais complexo e pouco perceptível por quem está fora desse cotidiano.



UM ENCONTRO COM PALMAS



INTRODUÇÃO



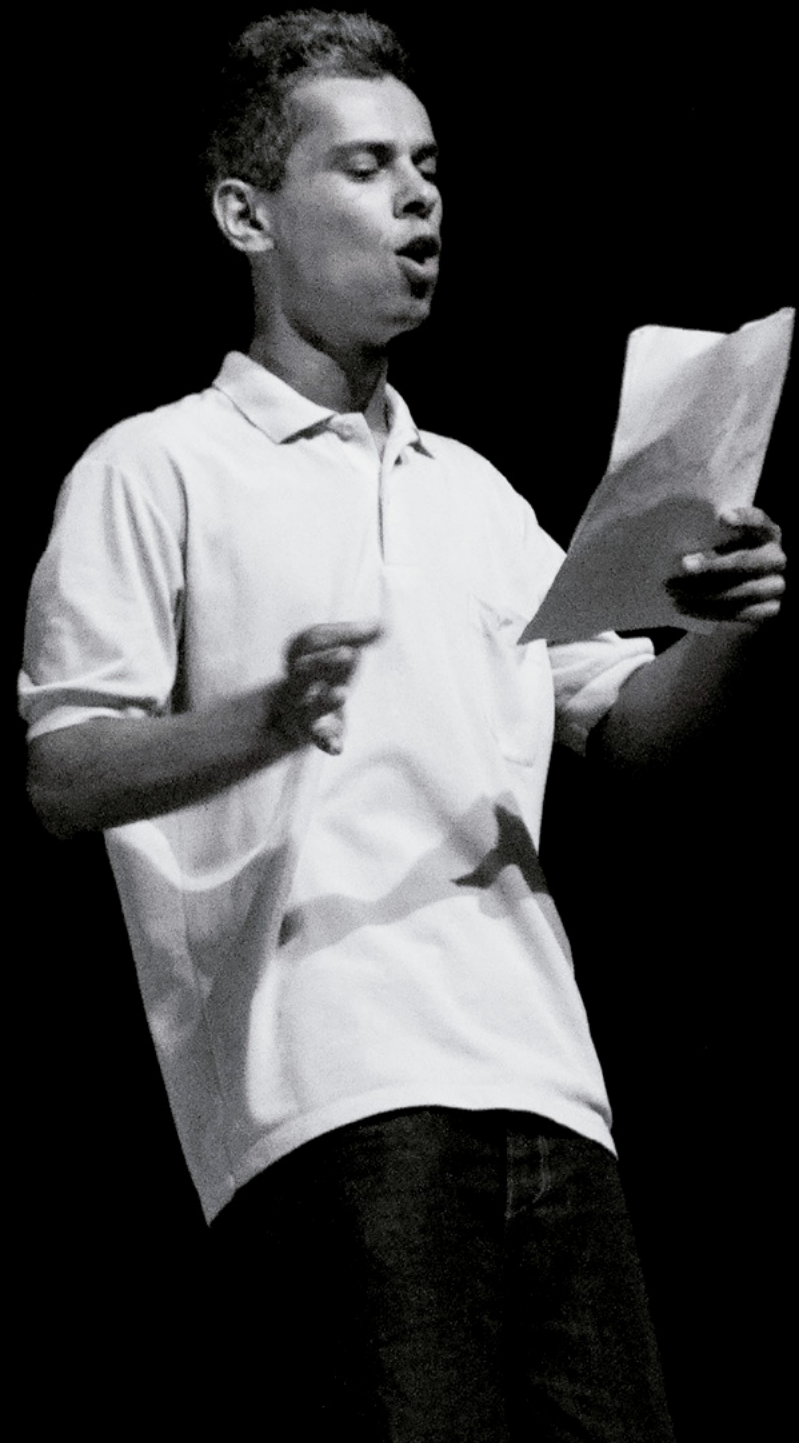


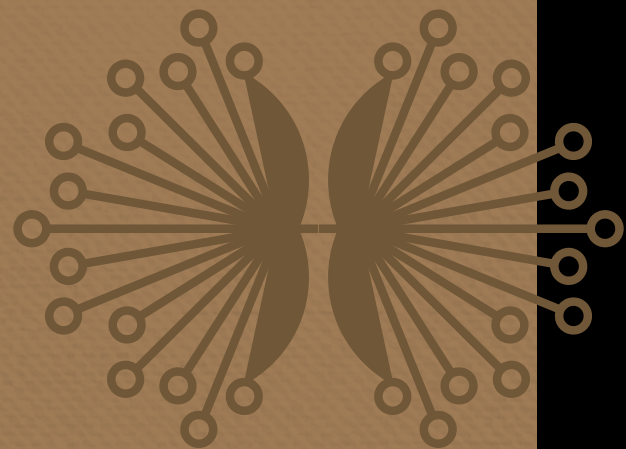
Essa dificuldade faz parte da história da Lamira desde seu início. Ainda que o grupo tenha assumido o novo nome e começado a trabalhar já em 2010, só em 2012 chegaram as estreias das primeiras obras da Lamira. Antes disso, além de algumas circulações do “Na Palma dos Olhos”, a Lamira estava a todo vapor buscando os meios para se estabelecer e as formas de organizar os recursos para suas criações. A partir de 2011 chegaram os primeiros editais para novas criações, que levaram a três estreias em 2012.



Foto: Rodolfo Ward







FELA DA GAITA



Foto: Flaviana OX



FELA DA GAITA





Foto: Flaviana OX

O início dos trabalhos em 2012, ano em que a Lamira apresentou suas primeiras três estreias, dificulta um pouco a consideração da ordem das coisas e entender o que vem antes do quê. Mais complicado ainda, duas dessas obras foram desdobramentos de uma mesma proposta artística. É o caso de Fela da Gaita, criada com o Prêmio Arnaud Rodrigues, do estado do Tocantins, e do Banco da Amazônia, como um espetáculo de palco.

“Fela da Gaita” parte de uma proposta de trabalho com máscaras e com a Commedia Dell’Arte, uma das primeiras formas profissionais de teatro popular, que surgiu na Itália do século XVI. Esse estilo trabalha com personagens fixos usando máscaras e com cenas que misturam a improvisação e *gags* cômicas e repetitivas, além da comédia física, fazendo uma ponte entre o teatro de feiras e as artes circenses.



Confrontando essa referência com uma realidade brasileira, “Fela da Gaita” parte de uma trilha sonora e um imaginário ligados diretamente aos repentistas nordestinos e ao romanceiro popular. O grupo construiu personagens-tipos que articulam dança, teatro e música para contar histórias que normalmente veríamos nos cordeis, no teatro de mamulengos, e nas cantorias dos aboiadores e glosadores, entre outros artistas repentistas.

O espetáculo foi criado em uma sala de aula, numa parceria estabelecida com Serginho Moreira, professor de dança de salão na cidade. É nesse espaço que vai ser gestada a obra, que ganha uma visualidade impactante, tanto com as máscaras e as personagens, como com o cenário e a iluminação. Elas ganham um prelúdio, com uma cena de mamulengos que prepara o público, numa pequena abertura da cortina, antes que entremos com tudo nesse universo, que se apresenta em um cenário que fecha o palco em um efeito de caixa, feita de mais de 40 quilômetros de barbantes, como fios de cordel ou de bonecos de manipulação.

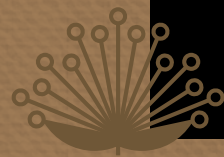


Foto: Flaviana OX



FELA DA GAITA





Foto: Flaviana OX

Ali eles encenam, por exemplo, batalhas de repentistas, que ganham uma característica absolutamente própria, em meio à cenografia e à iluminação preciosas, e na mistura da dança contemporânea, da trilha sonora e das máscaras da Commedia Dell'Arte. A máscara aparece no espetáculo em duas formas: tanto na maquiagem dos bailarinos, que os deixa parecendo constantemente mascarados, como também em máscaras físicas, que estão sempre presentes penduradas no cenário.

Essas máscaras físicas são colocadas nos bailarinos em dois momentos em cada ponta do espetáculo. Nessas horas, eles assumem mais as características das personagens tradicionais da Commedia Dell'Arte. Como um efeito de resposta ao vestir a máscara, vemos como as características dessas personagens moldam a coreografia e o jeito de dançar de cada um deles.



“Fela da Gaita” atravessa essas várias referências e institui a característica natural da Lamira: a mistura das formas artísticas. Essa mistura é resultado das formações e vivências de seus criadores e de seus elencos, e encontra em Palmas o terreno fértil para seu desenvolvimento. Só nesse espaço da capital jovem e permanentemente em construção parece ser possível manter esse caldeirão de referências, de origens, de sobreposições.

O resultado é um trabalho que desafia estabelecimentos. O nome da companhia assinala esse reconhecimento: Lamira Artes Cênicas. Uma companhia “de dança e”: Dança e teatro. Dança e vídeo. Dança e formas animadas. Dança e palhaçaria. Dança e artes marciais. “Dança e” tantas outras coisas que já apareceram ao longo desses primeiros 15 anos de história.

FELA DA GAITA (2012)

Coordenação Geral: **Carolina Galgane**
Concepção, Direção, Coreografia e Cenário: **João Vicente**
Cenotécnica: **Vivian Oliveira**

Iluminação: **Lúcio de Miranda**
Figurino: **Patrícia Fregonesi**
Maquiagem: **Jhon Weiner**
Elenco de estreia: **Carolina Galgane, João Vicente, Jhon Weiner, Josely Rocha, Renata Souza**





DO REPENTE

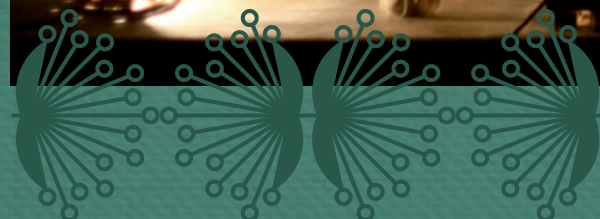


Foto: Flaviana OX



DO REPENTE





“Do Repente” é a versão de rua do espetáculo “Fela da Gaita”, ou talvez seja “Fela da Gaita” que é a versão de palco de “Do Repente”. É um tanto difícil de dizer a ordem das coisas, porque os projetos das obras nascem juntos: é a ideia da pesquisa com os repentistas do nordeste e a Commedia Dell’Arte. Mas “Do Repente” foi sempre pensado para uma versão de rua, e foi realizado por um outro edital, o Prêmio Funarte Artes na Rua.

Como os dois projetos foram aprovados (o de palco para o “Fela de Gaita” e o de rua para “Do Repente”), as duas obras foram criadas juntas, e têm muitos elementos idênticos, no figurino e na trilha, e com praticamente a mesma estrutura coreográfica. A rua, no entanto, muda muito da configuração do cenário e altera completamente os efeitos de iluminação que fazem

parte de “Fela da Gaita”. A particularidade da rua precisa ser explorada desde cedo na criação. Assim, enquanto “Fela da Gaita” ensaiava na sala da escola de dança, “Do Repente” precisou experimentar os espaços públicos.

O principal desses espaços foi um gramado, onde era então a Secretaria de Meio Ambiente. Ali cresceu o aspecto de rua de “Do Repente”, que saiu do teatro de caixa preta, mas criando uma versão ainda muito cênica e performática da proposta, construindo na rua uma cenografia de luz que molda o espaço da cena, agora grudado aos pés do público.

Essa proximidade se torna uma chave. Se antes já víamos os temas, os assuntos e as referências que constroem esse espetáculo, aqui eles ficam muito mais próximos de nós, verdadeiramente alcançáveis ao toque.



E a coreografia trabalha até com esse toque, invadindo o espaço do público, da mesma forma que a Commedia Dell'Arte e os repentistas lidavam ativamente com suas plateias.

Na proximidade, vemos bem mais de perto as máscaras, guardadas em nichos de luz que formam o cenário e transformam até mais intensamente os artistas, com suas modificações dos rostos. De perto, também vemos melhor a particularidade dos rostos dos bailarinos e de sua interpretação e personalidade.

Quase toda a dança continua ali, mas o aspecto cênico ganha mais destaque, tanto pela proximidade quanto pela natureza colaborativa das formas artísticas que inspiram esse espetáculo e favorecem a interação com o público, que recebe a obra sempre com muito calor e disposição.

“Do Repente” estreou na Feira do Livro do Estado do Tocantins, mas continuou se espalhando pelo Brasil, em uma centena de apresentações, por 80 cidades de quase todos os estados do Brasil. Foi, até agora, o maior público da Lamira, quase 36 mil pessoas, e sete anos em cartaz.





Parte do reconhecimento de “Do Repente” veio em 2014, quando a obra circulou pelo Sesc Palco Giratório, que espalhou a obra pelo Brasil. Por onde passou, “Do Repente” deixou marcas. Em Rondônia, o colunista do jornal *Diário da Amazônia* e do site Gente de Opinião, Sílvio Santos, registrou sua impressão e surpresa com o trabalho:

“ Acontece que ninguém esperava que após o show do Yaporanga algum grupo de dança fosse capaz de apresentar coisa melhor, folcloricamente falando. Pois a Lamira, que veio de Palmas (TO), provou o contrário, ao apresentar em coreografia contemporânea um espetáculo de dança baseado em repentes de repentistas do Nordeste brasileiro. Momentos de martelo agalopado, momentos apenas de repentes que a gente chama de improviso, momentos de muita criatividade por parte dos atores dançarinos e dançarinas. Por aproximadamente uma hora o público se encantou com o espetáculo do grupo de Tocantins, no final foram aplaudidos de pé por mais de três minutos. ”





Com “Do Repente”, a Lamira não só insiste na sua característica de mistura, mas mostra como essa mistura, que faz parte da nossa vida e da nossa experiência, faz sentido para a cena e para o público. Coloca a Lamira na rua, no meio do povo, favorece seu contato, sua aproximação, e mostra, para muita gente, que a dança pode ser um interesse.

DO REPENTE (2012)

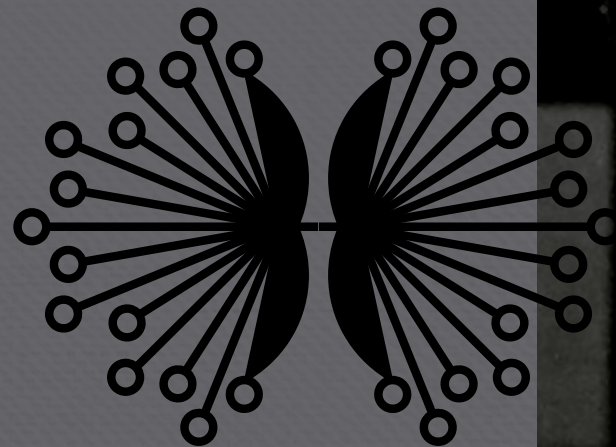
Coordenação Geral: **Carolina Galgane**
Concepção, Direção, Coreografia e Cenário: **João Vicente**
Cenotécnica: **Renata Oliveira e Renato Moura**

Iluminação: **Lúcio de Miranda**
Figurino: **Patrícia Fregonesi**
Maquiagem: **Jhon Weiner**
Elenco de estreia: **Carolina Galgane, João Vicente, Jhon Weiner, Josely Rocha, Renata Souza**



DO REPENTE





ADORNO DA REALIDADE



Foto: Ciranda Visual



ADORNO DA REALIDADE





Foto: Flaviana OX

Também de 2012 são a montagem e a estreia de “Adorno da Realidade”, solo com João Vicente em cena, fortemente movido pela filosofia. Em Palmas, João voltou para a faculdade, e os primeiros semestres do curso de Artes eram realizados em conjunto com os alunos da Filosofia. Foi nas aulas de Oneide Perius, especialista no filósofo alemão Theodor Adorno, que o coreógrafo percebeu que ali havia assunto para um espetáculo.

“Adorno da Realidade” passa por uma pesquisa sobre a arte da performance e a ideia de estar em cena sem representar, sem atuar, e para isso constrói um jogo, que envolve pessoas da plateia em ações e decisões, além da participação cênica de um outro artista, um manipulador. Cria-se um espaço no qual parece que o bailarino não tem controle total do que se passa, com a plateia participando na manipulação daquilo que possa ser o real.



A cena acontece dentro de um ambiente que é inóspito, um tanto brutal. Ali, se percebem símbolos, imagens e sons que levam à realidade que serviu de base para o pensamento do “Adorno da Realidade”: os campos de concentração da II Guerra Mundial – espaços em que sujeitos sofreram horríveis formas de violência, de controle e manipulação, tratados como objetos e como mercadoria.

“Adorno da Realidade” reflete sobre a repressão, a violência e privação extremas dos campos de concentração, enquanto formas de forçar um indivíduo a um controle. No mundo contemporâneo, esse controle

aparece como uma lógica de consumo, presente também nas marcas que aparecem nos macacões do bailarino e do manipulador que orienta a plateia por alguns dos percursos e propostas dessa obra.

Ficam confrontadas, quase lado a lado, a impossibilidade de realização do indivíduo em uma situação de restrição e privação física, de perseguição ideológica, social, étnica, entre outras tantas, e a impossibilidade de realização do indivíduo contemporâneo, visto como mercadoria, como parte de uma massa de manobra de uma estrutura econômica que é maior que todos nós.



Foto: Ciranda Visual



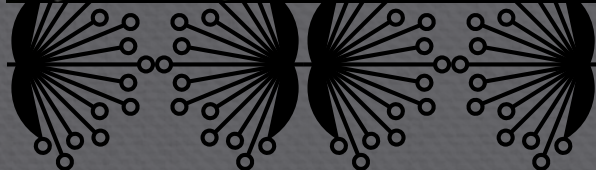


Foto: Ciranda Visual

A trilha sonora faz uma montagem de recortes e manipulações de músicas de sucesso daquele momento, colocando no jogo o efeito da cultura pop como um pensamento de algo que é rapidamente descartado pelo próprio mercado. Assim, se conectando também com a discussão da indústria cultural, que faz um link com o pensamento de Adorno.

“Adorno da Realidade” foi criado a partir de um Prêmio Funarte de Dança Klauss Vianna e de um Prêmio Arnaud Rodrigues da Fundação Cultural do Estado do Tocantins. A Lamira faz uma parceria com a Fundação Municipal de Cultura para usar uma de suas salas para os ensaios.



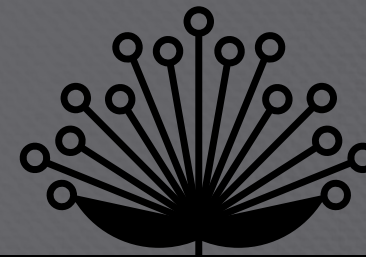
Com a equipe envolvida em diversas atividades, além de seus outros trabalhos fora da companhia, muito do processo foi vivenciado por João sozinho, aumentando o peso dessa criação, que inclui, também, um esforço físico do intérprete: ele emagrece violentamente antes das apresentações para que seu corpo retrate melhor o sofrimento corporal das pessoas que passaram pelas violências que o espetáculo relembra.

Quase uma penitência para a abordagem desse tema e fato histórico, “Adorno da Realidade” coloca o intérprete, o público e a cena como parte dessa dinâmica de manipulação e de agência sobre a realidade: quem de fato tem controle? Quem consegue fazer valer a sua vontade? Quem determina aquilo que queremos? Quais são as coisas pelas quais vivemos? Quem escolhe as coisas que causam a nossa morte?

ADORNO DA REALIDADE (2012)

Coordenação Geral: **Carolina Galgane**
Direção Artística e Coreografia: **João Vicente**
Cenografia: **Cláudio Montanari**
Iluminação: **Lúcio de Miranda**

Figurino: **Silma Dornas**
Música: **Heitor Oliveira**
Consultoria Filosófica: **Ph.D Oneide Perius**
Elenco de estreia: **João Vicente,**
Taiom Taiwera
(manipulação cênica)





GIBI



Foto: Flaviana OX



GIBI





Foto: Flaviana OX

Fruto de uma premiação do eixo Dança Para Crianças do programa Rumos do Itaú Cultural, “Gibi” surgiu porque a Lamira sentia falta de opções de espetáculos infantis em Palmas, que recebia uma programação restrita a versões dubladas de sucessos de cinema. Na época, João já fazia uma oficina “Brincando com o Corpo”, para crianças de 4, 5 anos, em que trabalhava corporeidade e contação de histórias. Nesse ambiente veio a percepção da importância e da necessidade de espetáculos para crianças.

A inspiração inicial foi a “Liga do Cerrado”, quadrinho do cartunista Geuvar Oliveira, que conta aventuras de super-heróis caracterizados como tipos da região (como Homem Suvaco, Maria Paulada, Jeitosa e Senhor Gambiarra), na cidade de Pequinópolis, inspirada na capital do Tocantins. Porém, rapidamente perceberam a dificuldade e o custo que

teriam para fazer versões cênicas de super-heróis, de seus superpoderes e efeitos especiais.

O que ficou da “Liga do Cerrado” para a montagem, enfim, além do formato dos quadrinhos que servem de cenário para a obra, foi a natureza da representação das personagens, que existem num universo de exagero, de questionamento e de comicidade que abriu espaço para trabalharem com a palhaçaria.

O contato com o mundo dos *clowns* foi uma dificuldade muito maior do que a esperada, mas deixou marcas profundas na Lamira, que trabalhou com Fernando Yamamoto da companhia Clowns de Shakespeare, do Rio Grande do Norte, e fez formação com Advane Néia, grande referência da área.



GIBI



Muito do aprendizado desse processo orienta os trabalhos da companhia desde aquele momento, em 2013. Nessa criação, João aprendeu aspectos da direção cênica, da comunicação com os bailarinos e da necessidade de extrair deles as capacidades individuais – características que desenharam o autogerenciamento dos processos de criação cênica da Lamira. Ao observar as habilidades de cada intérprete e suas particularidades, os palhaços em cena foram se preenchendo de personalidade em histórias entrelaçadas.

São essas histórias que encontramos em “Gibi”, envolto por um cenário de páginas de quadrinhos em branco, que são invadidos, atravessados e transformados pelos palhaços. Na cena, os palhaços adormecidos são acordados por uma força que surge de dentro das páginas de um gibi e os coloca em uma viagem por dentro e por fora dos quadrinhos, atravessando o cenário e fazendo uma distorção de imaginação. Essa imaginação se desdobra do encontro dos palhaços, que surgem em brincadeiras e cantigas, fazendo um resgate da infância e um convite para a plateia viver essa sensação gostosa – independente de idade.



Foto: Flaviana OX



GIBI





Aparecem misturadas as piadas de palhaços – as clássicas e outras inusitadas –, cenas de coreografia, uma grande quantidade de objetos cênicos e efeitos que se alimentam do sonho e da imaginação da criança para encantar. Surge em cena até um novo gibi, com a história do próprio espetáculo, que depois pode ser usado pelas crianças da plateia para colorir. Esse gibi, amarrando o ciclo das referências, teve design de Geuvar Oliveira, autor da “Liga do Cerrado”.

“Gibi” é um sucesso da Lamira, e continua sendo muito dançado. Quem vê a obra pronta não repara na ansiedade de seu processo criativo. Por se desenvolver no universo infantil, novo para a equipe, e por acentuar a característica de trabalho com novas técnicas a cada obra, a criação de “Gibi” colocou em evidência o isolamento da Lamira em Palmas. Ainda que seus projetos sejam repletos de participações, de colaborações, de intercâmbios com outros artistas e pesquisadores, o contínuo do trabalho se dá um tanto isolado, sem mais pessoas para colocar a mão na massa.



GIBI



Com isso, surgem os receios e as frustrações. Será que o espetáculo daria certo? Será que as crianças gostariam dele? A isso se somava o patrocínio do Rumos Itaú Cultural, que previa a finalização do projeto com apresentações na sede da instituição (em São Paulo, na Avenida Paulista), com outros projetos e artistas reconhecidos da dança brasileira.

Na estreia, a Lamira surpreendeu por apresentar o espetáculo finalizado: o Rumos previa a realização

de processos criativos e o compartilhamento desses processos. Porém, frente a essa oportunidade, a Lamira não conseguiu deixar passar a chance de ter uma obra nova em repertório. Cientes das dificuldades de produção no Norte, dos custos de viajar pelo Brasil e da raridade dos orçamentos, a ocasião favorecia a criação completa. E a Lamira soube aproveitar essa ocasião: "Gibi" já circulou por todas as regiões do Brasil, tem um público que se aproxima das 10 mil pessoas e, mais de uma década depois de sua criação, continua circulando.

GIBI (2013)

Concepção e Coordenação Geral: **Carolina Galgane**
Direção Artística, Coreografia e Cenografia: **João Vicente**
Consultoria Teatral: **Fernando Yamamoto**
Assessoria de Palhaçaria: **Adelvane Néia**
Preparação de Palhaços: **Marcelo Antunes**

Arte Gráfica: **Geuvar Oliveira**
Cenotécnica: **Renata Oliveira**
Elementos Cênicos: **Vivian Oliveira**
Iluminação: **Lúcio de Miranda**
Figurino: **Silma Dornas**
Elenco de estreia: **Carolina Galgane, Jefferson Cerqueira, João Vicente, Josely Rocha, Renata Souza**



A & V

ARTE & VIDA

domingo, 16 de junho de 2013

ARTES CÊNICAS

O universo dos quadrinhos em cena

LAMIRA CIA DE ARTES CÊNICAS
ESTREIA HOJE, EM SÃO PAULO, O ESPETÁCULO CLOWNDRINHOS

ELVIO MARQUES
PALMAS

Clowndrinhos apresenta diferentes tipos palhaços para as crianças

O universo das histórias em quadrinhos com a mistura do mundo dos palhaços se transformou em espetáculo de dança e teatro da Lamira Cia de Artes Cênicas, através do espetáculo *Clowndrinhos*, que estreia hoje, a partir das 15 horas, no Teatro Rumos Itaú Cultural, em São Paulo (SP), durante a *Mostra Rumos Dança 2012-2014*.

Diretora da companhia, a bailarina Carolina Galgane diz que o novo espetáculo, voltado para o público infantil, fala do universo das histórias em quadrinhos a partir de cinco divertidos palhaços. "Unimos dança e teatro para falar desse universo das histórias em qua-

drinhos e ainda sobre os diversos tipos de palhaços", conta. Ela declara que o nome *Clowndrinhos* propõe uma unificação de clown (palhaço) com HQs (quadrinhos), de forma a sintetizar esses dois universos que se interligam no espetáculo. "De um lado temos a relação com as histórias em quadrinhos e todo este universo que acompanha o ambiente infantil, em associação com o universo 'clownesco' que criou-se no processo de montagem", diz.

EDITAL

A nova produção é fruto do edital *Rumos Dança Itaú Cultural - 2013/2014* e é o prêmio *Funarte de Teatro Myriam Munis - 2012*. Segundo a diretora da companhia, é a 1ª vez que um grupo do Tocantins é contemplado na seleção nacional do *Rumos Dança Itaú Cultural*. "É um dos maiores prêmios de dança do Brasil. Ganhar esse edital demonstrou o reconhecimento do trabalho contínuo e árduo da Lamira. Estamos muito ansiosos

para a estreia", adianta.

Na Capital, o espetáculo só deve ser apresentado no 2º semestre, com temporada prevista de 26 a 31 de agosto para escolas da Capital. Já em outubro, *Clowndrinhos* volta aos palcos, de 4 a 6 de outubro, em comemoração ao Dia das Crianças.

A *Lamira Cia de Dança* é formada por cinco integrantes, entre bailarinos e atores. O grupo surgiu em 2009, em Palmas. No seu currículo, consta espetáculos premiados, como o *Adorno da realidade* (Prêmio Funarte de Dança Klaus Viana - 2011); *Fela da gaita* (Prêmio Arnaud Rodrigues - 2011 e Edital Cultural do Banco da Amazônia - 2012) e *Do Repente* (Prêmio Funarte Artes na Rua - 2011 e Prêmio Petrobrás Funarte de Dança Klaus Viana - 2012).

ESTREIA

O quê - *Clowndrinhos*
Quando - Hoje
Onde - Mostra Rumos Dança 2012-2014, no Teatro Rumos Itaú Cultural, em São Paulo (SP)
Horário - A partir das 15 horas
Entrada franca



GIBI



OLHAI POR NÓS



Foto: Flaviana OX



OLHAI POR NÓS





Foto: Flaviana OX

A partir de um edital do Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PROMIC), da Fundação Cultural de Palmas, a Lamira decidiu montar um espetáculo musical. Não nos moldes dos musicais da Broadway, mas a partir da lógica de trabalho da Lamira: pesquisando e misturando linguagens artísticas.

Para isso, além da direção e coreografia de João Vicente, a Lamira convidou três colaboradores, e construiu “Olhai por Nós”, com direção musical de Marco França, Dramaturgia de Fernanda Vianna e Direção de Formas Animadas de Vinícius Della Líbera.

Desde a chegada em Palmas, João se espantou com a quantidade de igrejas e espaços religiosos na cidade: só no caminho de casa ao trabalho, ele contava 18! A partir disso, em “Olhai por Nós”, a pesquisa se voltou para a religiosidade. Não para as religiões e suas práticas, mas para a fé, a crença.

De um processo de construção de personagens que levou os bailarinos a trabalharem com limites e desafios pessoais, junto da própria proposta técnica, que demandava canto e habilidades com instrumentos não convencionais, além daquelas que os bailarinos já possuíam, e até as próprias condições de realização da obra, tudo em “Olhai por Nós” se fez desafio.



João lembra do processo como provavelmente o mais difícil da Lamira. No aspecto prático também: em seus 15 anos, a Lamira não teve uma sede, um espaço fixo de ensaio. Cada projeto se realizou conforme as condições possíveis. Foi assim que “Olhai por Nós” acabou sendo ensaiado na parte coberta do estacionamento da Secretaria Municipal de Turismo. Todos os dias, eles chegavam ao espaço, limpavam o chão, estendiam uma lona e trabalhavam em cima dela, depois desmontavam o espaço para ir embora.

Esse esforço e essa ritualização do cotidiano também colaboram para o assunto da religiosidade em “Olhai por Nós”. Na cena,

vemos os intérpretes confrontados com questões básicas como “o que faz alguém ser uma pessoa boa”. Na dança, vemos a mistura entre o conjunto, a prática coral, o encontro de todos fazendo parte de uma coisa maior; e, em contraste, vemos o esforço individual, o trabalho de cada pessoa com suas dificuldades, suas tentações e sua luta por ser melhor.

O espaço do sagrado também é refletido na cena de “Olhai por Nós”: assistimos aos intérpretes dentro de uma rede, que os separa da plateia colocada em torno. Ao mesmo tempo em que é intimista, porque estamos ao alcance deles, também é separador, porque algo se coloca entre nós e eles.



Foto: Flaviana OX





Foto: Flaviana OX

“Olhai por Nós” estreou no final de 2015, quando a Lamira comemorava seus 5 anos, numa temporada de 10 apresentações. Nesse ano, a companhia também dançou muito “Gibi” e “Do Repente”. Só em 2017 e 2018, “Olhai por Nós” ganharia seu destaque, depois de circular por 11 cidades pelo Sesc Amazônia das Artes e passar pela Caixa Cultural do Rio de Janeiro e Fortaleza.

O desejo da Lamira, então, era colocar o novo trabalho para circular no Palco Giratório, festival do Sesc do qual eles já haviam participado em 2014 com “Do Repente”. Depois da circulação do Sesc Amazônia das Artes, o espetáculo ganhou boa visibilidade entre os programadores e houve interesse de realizar essa proposta.

Mas o inesperado faz um salto no tempo. De repente, estamos no início de 2020 e dentro da pandemia de Covid-19, e então os planos de circulação foram suspensos, e toda a situação da Lamira se transformou.

Mas, antes disso, para não parecer que o pulo de 2015 a 2020 é sobre um vazio, é importante entender a continuidade dos trabalhos da Lamira, que normalmente tem pelo menos três obras em circulação a cada ano. Em 2015, por exemplo, além da criação e da temporada de estreia de “Olhai por Nós”, tiveram mais 30 apresentações de “Gibi” e “Do Repente”.



Depois, em 2016, resultado de um edital que comemorava os 5 anos da Lamira, lançaram um foto-livro e tiveram mais 20 apresentações, de todas as obras do repertório da Lamira. Os anos seguintes até chegarmos na pandemia veriam ainda essa continuidade, na participação em diversos eventos e nas circulações de “Olhai por Nós”, de “Gibi” e “Do Repente”.

Nunca é fácil. Tem sempre um tanto de dificuldade para fazer acontecer. E nessa época, mesmo antes da interrupção abrupta da pandemia, a Lamira já refletia sobre essa dificuldade. No documentário que produziram sobre “Olhai por Nós”, em um momento Carol aparece no vídeo pensando alto sobre essa situação: “Talvez o método da Lamira seja o desafio. Partir para algo que não é confortável, mesmo”.

É aceitando o desconforto que eles chegaram a 2020, comemorando seus 10 anos em plena pandemia.

OLHAI POR NÓS (2015)

Coordenação Geral: **Carolina Galgane**
Direção Artística, Coreografia e Cenografia: **João Vicente**
Direção Musical: **Marco França**
Direção de Formas Animadas: **Vinícius Della Líbera**
Dramaturgia do Gesto: **Fernanda Vianna**

Cenotécnica: **Vivian Oliveira**
Iluminação: **Lúcio de Miranda**
Figurino: **Adriana Vaz e Rogério Romualdo Pinto**
Caixotes Cênicos: **Fred Patriarca, Adailton Bispo, Renato Moura**
Elenco de Estreia: **Carolina Galgane, João Vicente, Renata Souza, Taiom Tawera**



QUANDO DORMES



Foto: João Vicente



QUANDO DORMES





Foto: João Vicente

A pandemia de Covid-19 foi violenta com o mundo, e a situação da Lamira não foi uma exceção. A interrupção de todas as atividades presenciais foi sensível para toda a dança. Parte do elenco da companhia deixou Palmas e retornou para Belo Horizonte. Carol e João ficaram, esperando as definições do mundo com uma filha pequena, que nasceu em abril de 2019: a Maia.

Sem agendas, sem perspectivas de retorno aos palcos, sem poder trabalhar em proximidade com outras pessoas, a Lamira se inscreveu para o primeiro edital que surgiu para a criação de obras em vídeo, em caráter emergencial: o Prêmio Funarte RespirArte de 2020. O projeto que deu origem a “Quando Dormes” foi aprovado em primeiro lugar nacional no prêmio.

A verba era reduzida, os recursos e a situação eram precários, mas nada disso era exatamente novidade no trabalho da Lamira. A proposta para “Quando Dormes”, no entanto, era, essa sim, extremamente nova para esses artistas e lidava com a grande mudança de realidade que tiveram, desde o nascimento de Maia, diretamente se voltando a falar da maternidade.



Usando as paisagens da cidade de Palmas, “Quando Dormes” retrata Carol, quase sempre sozinha e numa movimentação agitada, reflexiva, que parece olhar para dentro de si, enquanto se atenta para o mundo em volta, sempre mudando de direção e alternando as movimentações de passos leves e extremamente delicados, com surpreendente força e vontade.

Essa é a reflexão que a Lamira propõe sobre a vida na maternidade: inconstante, surpreendente e transformadora. Todo o mundo deixa de ser como era, toda a vida se volta para um momento de eterna atenção. A mulher se transforma em mãe, e sua individualidade surge como lampejos, escapando durante os momentos em que o bebê está adormecido.





Foto: João Vicente

Delicada, “Quando Dormes” apresenta a dança quase como um depoimento pessoal. Não discute o isolamento da pandemia, que era o assunto preferido daquele momento, mas o da maternidade, que é, também, à sua maneira, universal. As paisagens de Palmas são atravessadas por imagens da vida da maternidade: um brinquedo que surge no chão e dialoga com o movimento dos pés da intérprete; o vento que move a água do rio e seca os panos no varal; as mamadeiras lavadas na pia de casa; e a própria Maia, que aparece no vídeo em uma sequência que, girando, vai misturando todos os cenários, todas as referências, o mundo todo.

Assim é a maternidade vista em “Quando Dormes”: completamente transformadora e arrebatadora. Como apresenta Carol na divulgação do vídeo, “a maternidade é tudo agora, e, o que faço entre os tempos, sou eu agora. Agora é outro tempo, agora é o outro. Agora somos nós”.



“Quando Dormes” marca o início do período pandêmico da Lamira, que participaria, em 2020 e 2021, de diversas possibilidades de editais para a sua continuidade, sobretudo em atividades voltadas para o on-line, como o documentário “Mulheres da Cena” e o “Festival Multiverso”. Para o presencial, em 2021 “Gibi” foi adaptada em uma versão para a rua, a partir da Lei Aldir Blanc.

QUANDO DORMES (2020)

Concepção e Coreografia: **Carolina Galgane**
Direção, Fotografia e Edição de Vídeo: **João Vicente**

Porém, desde a pandemia, a dificuldade de manutenção de elencos se acentuou. Projetos menores e com menos pessoas envolvidas passaram a ter mais estrutura para a continuidade, levando a outras formas de pensar e produzir: ainda novas invenções nos modos como a Lamira cria.

Participação Especial: **Maia Galgane**
Música: **Lamira Artes Cênicas**
Assistente: **Rafaela Lage**
Elenco: **Carolina Galgane, Maia Galgane**

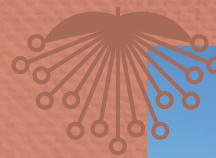
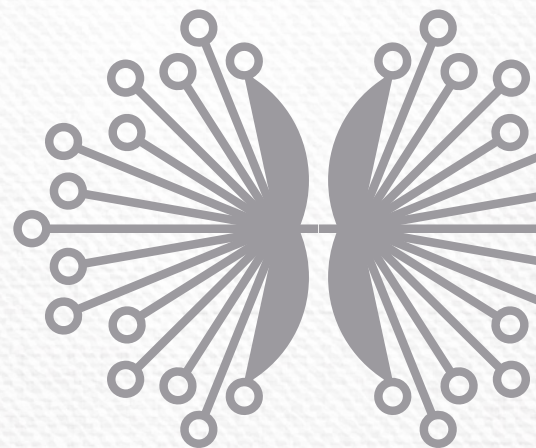


Foto: João Vicente



QUANDO DORMES





LUNA DE MIEL



Foto: Flaviana OX



LUNA DE MIEL





Foto: Flaviana OX

Ainda em contexto pandêmico, a Lamira trabalhou uma nova pesquisa cênica, que remete aos trabalhos que haviam iniciado com palhaçaria, contando histórias e aventuras de dois palhaços recém-casados durante sua lua de mel.

Uma primeira versão desse trabalho, chamada “Lua de Mel”, foi feita para transmissão on-line e misturava as danças urbanas com o teatro e a palhaçaria, numa concepção de Carol e João, direção de João e coreografia assinada por João em parceria de Fê Art, que estava em cena com Tifa. Essa versão foi produzida para o Festival Funarte Acessibilidança e passou pontualmente por outros eventos on-line, como a edição do Festival Internacional de Dança (FID) de Belo Horizonte e o Festival de Teatro Amazônico.

Essa primeira versão foi o ponto de partida para o trabalho com o tema e a proposta, logo depois transformada para João e Carol em cena, e que conta com a direção de Oscar Zimmermann, grande especialista chileno em *clowns*.

“Luna de Miel” trabalha a dança contemporânea em contato com a palhaçaria, para construir a comédia física das suas cenas, e foi o primeiro trabalho da companhia com um diretor convidado. A essa situação inusitada somou-se o fato de o diretor não estar junto dos bailarinos: toda a montagem foi feita com os bailarinos na garagem de casa, e o diretor estava com eles apenas de forma remota, on-line, trabalhando por vídeo-chamada.



Criado por um Edital Emergencial do Estado do Tocantins (Lei Aldir Blanc), que tinha, além da criação do espetáculo, ações de divulgação de vídeodanças de outros grupos, oficinas, e ocasião de encontro dos colaboradores dos 10 anos da Lamira (comemorados em 2020), “Luna de Miel” teve seu breve momento on-line, mas logo foi ao encontro do público, sendo pensada sobretudo para se apresentar em espaços abertos.

Ainda em 2021, passou pelo Aldeia Jiquitaia – Mostra Cultural do Sesc Tocantins, e seguiu, já nos anos seguintes, com circulação pela Funarte e pelo Sesi, favorecendo a reaproximação da Lamira com o público nacional.

O espetáculo para a rua, a facilidade e o interesse na abordagem com os *clowns*, e a quantidade de efeitos cênicos, dramatúrgicos, físicos e coreográficos colaboram com essa aproximação, facilitam as possibilidades de levar o espetáculo a mais lugares e seduzem o público. Sobretudo porque o espetáculo mostra muito do que a Lamira tem entendido como sua missão, com uma lógica de entregar dança, levar dança onde as pessoas estão, mostrar que a dança pode interessar a elas e apresentar a dança para novos públicos.

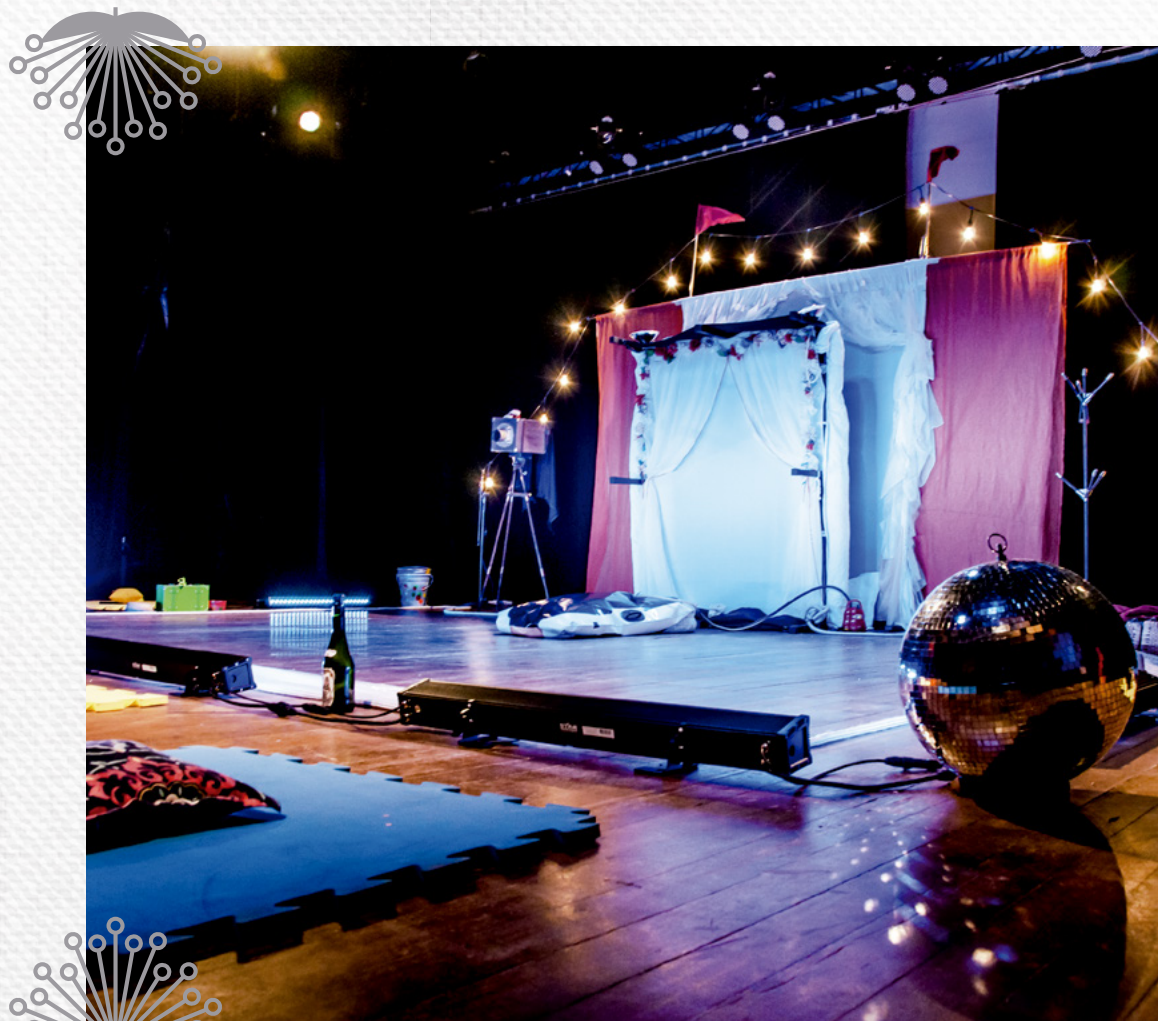


Foto: Flaviana OX





Foto: Flaviana OX

E “Luna de Miel” é uma deliciosa porta de entrada para a dança. Quando o espetáculo acontece ali, em meio a uma ocasião pública, como uma feira de Palmas, você pode ver o processo de como as pessoas chegam e esperam para assistir, porque já conhecem a Lamira e sabem de seu trabalho. Mas o mais interessante é ver como as pessoas por perto vão chegando ao longo da apresentação – e ficando. E depois querem conversar, querem saber mais, querem saber quando tem de novo, quando tem mais, e passam a ser novos públicos – para a Lamira e para a dança.

A leveza e a inocência do tratamento dos temas da obra através dos *clowns* mostram uma história direta, divertida, facilmente compreensível. Mostra o exagero e o ridículo de algumas situações inusitadas da vida e a força que se encontra no riso nesses momentos e na superação das dificuldades na companhia de alguém que se ama.



O eixo dos trabalhos da Lamira realmente se constrói com essa observação ao mesmo tempo para dentro e para fora. Seus trabalhos olham para seu entorno, para a cidade, para o mundo, para a dança, mas também olham para dentro, para os artistas, suas histórias, suas experiências, suas subjetividades.

Isso cria uma riqueza e uma dificuldade. Riqueza, porque carrega um resultado verdadeiramente interessante e valioso nessa proposta de consideração de seus sujeitos. Em “Luna de Miel”, por exemplo, podemos ver muito de João e Carol, e de como lidam com o mundo, para além de sua dança. Dificuldade, porque a reprodução desse tipo de interpretação é complexa, e o estabelecimento de elencos, desde a pandemia, tem se mostrado um verdadeiro desafio.

LUNA DE MIEL (2021)

Coordenação Geral: **Carolina Galgane**
Direção: **Oscar Zimmermann**
Direção Artística e Coreografia: **João Vicente**
Iluminação: **Lúcio de Miranda**

Vídeo Mapping: **Lu Izidoro**
Figurino: **Adriana Vaz e Rogerio Romualdo Pinto**
Cenografia: **João Vicente e Vivian Oliveira**
Elenco de Estreia: **Carolina Galgane, João Vicente**
Elenco do vídeo “Lua de Mel”: **Fê Art, Tifa**



SOBRE SI



Foto: Flaviana OX



Foto: Flaviana OX

Em 2021, a Lamira havia produzido o documentário “Mulheres da Cena”, falando sobre artistas mulheres do Tocantins. Desse universo, aumentou o desejo de Carol de refletir sobre a vida a partir de uma perspectiva feminina, discutindo a maternidade e as dificuldades ligadas a questões de gênero, no que seria inicialmente um solo bastante pessoal.

Em conversas com João, pensaram em ampliar a discussão, em falar de mais gente, e assim apareceu para a cena a proposta de trabalho com a imagem das três moiras: as irmãs, deusas do destino na mitologia grega, que tecem, medem e cortam o fio da vida de cada indivíduo.

A relação dessas três figuras femininas no papel do destino se conecta com as questões que debatiam naquele momento e com a busca de seus desdobramentos para mulheres de

mais idade. Carol e João foram explorar o processo em oficinas com pessoas idosas, e se firmou a proposta de ter mais pessoas em cena. Porém, dadas as particularidades e dificuldades desse tipo de trabalho, o que poderiam ser as três moiras foi transformado para a cena em uma só pessoa a mais, junto de Carol.

O processo de criação de “Sobre Si” foi muito rápido. Quando o projeto foi aprovado para um edital Funarte Circulação das Artes, para transmissão de vídeo, o prazo que tinham para a finalização do vídeo era só de 40 dias. Ainda mais, era a virada do ano e eles estavam em viagem, com a família de João. Propuseram fazer essa cena com a mulher mais velha sendo a mãe de João, depois uma tia de João, e, finalmente, quem assumiu o desafio foi Guadalupe, mãe de Carol.



Com o trabalho coreográfico da parte do solo de Carol já pronto, se dedicaram à costura cênica. Guadalupe já tinha participado de algumas das oficinas ligadas à proposta da obra, e a obra se desenhou rapidamente.

A reflexão sobre a natureza e sobre a natureza da vida — os ciclos que experienciamos e as mudanças das percepções que as pessoas têm com a maturidade — permeiam essa obra extremamente íntima, entre o introspectivo e o confessional, que convida o espectador para dentro de um universo que é sobrenatural, mas que também é absolutamente natural: é a vida e suas fases.

Esse universo é sensível e visível. A mulher mais velha tem uma carga mística, mágica, ela caminha no entorno da cena, pisando por folhas, tecendo construções e alterando o que acontece dentro da cena, na qual a mulher mais jovem existe, dança, interage, experimenta e vive.



Foto: Flaviana OX



SOBRESI





Foto: Flaviana OX

Seu caminhar tem a força do contínuo do tempo. Ele é a luz que traz num lampião, e também um tanto do escuro do fim dos percursos. A obra toda é de percurso e trajetória. A mulher mais jovem mostra as fases da vida, que também são ilustradas pelo manto, que veste a mulher mais velha durante quase todo o espetáculo, mas o qual revela o corpo da mulher jovem no início da obra e que é usado para marcar o fim de seu percurso, ao final da obra.

Depois da versão em vídeo, o trabalho foi ajustado para a cena com público e tem sido apresentado, desde então, em diversos espaços, não só cênicos, mas também em instituições que lidam com pessoas idosas, favorecendo sua aproximação. É mais um público que se encontra com a Lamira, e que encontra, nessa obra, um olhar especialmente sensível sobre a vida, sobre a idade, sobre si.



SOBRE SI



“Sobre Si” marca uma maturidade poética e responde de forma ativa às dificuldades de elenco da Lamira. No ano seguinte, em 2023, a Lamira participou novamente do Palco Giratório do Sesc, e teria levado “Sobre Si” pelo Brasil, porém, com João na técnica e Carol e Guadalupe em cena, não haveria ninguém para cuidar de Maia.

Eles viajaram no Palco Giratório com “Luna de Miel” e “Gibi”, e Guadalupe pôde cuidar da pequena. Esse detalhe também fala bastante dos processos de “Sobre Si”, do espaço do cuidado e do afeto, do contar com outras mulheres, da conexão entre gerações e do efeito sensível que isso tem e que desenha toda a proposta de “Sobre Si”, que nos mostra o destino também como uma forma de cuidado.

SOBRE SI (2022)

Concepção e Coordenação Geral: **Carolina Galgane**
Direção Artística, Cenografia e Coreografia: **João Vicente**
Iluminação: **Lúcio de Miranda**

Designer de Aparência: **Adriana Vaz e Letícia Gomide**
Caracterização Cênica: **Johnson Moraes**
Depoimento e Declamação da Poesia: **Eli Maciel**
Música Autoral (O Amor sincero): **Maria Veloso**
Elenco de Estreia: **Carolina Galgane, Guadalupe Galgane**





A JORNADA DE KOKORO



Foto: Flaviana OX



A JORNADA DE KOKORO





Foto: Flaviana OX

O ano de 2024 começou bastante promissor. A Lamira estava aprovada em alguns editais, incluindo a Política Nacional Aldir Blanc (PNAB) e o Funarte Retomada para a manutenção do grupo e criação de espetáculos. Com isso, tinha verba para um elenco de quatro bailarinos mais dois estagiários, e a intenção de remontar diversos espetáculos do repertório com esse novo elenco. Assim, abriu audições, encheu a companhia e iniciou os trabalhos.

O ano terminaria com só três bailarinas, mas veria o resultado de um longo processo criativo que resulta em “A Jornada de Kokoro”, espetáculo que surge de um desejo já antigo da Lamira, de trabalhar com teatro de formas animadas, em uma parceria com Eduardo Custódio e Paulo Martins Fontes, do Grupo Gente Falante, do Rio Grande do Sul.

Com eles, a companhia fez oficinas e processos que orientaram o desenvolvimento, a confecção e a interpretação com formas animadas, em torno de uma história que cruzava a referência de alguns livros infantis que Carol e João liam com Maia. De “O Mundo Inteiro” (de Liz Garton Scanlondo, que fez parte do Programa Leia Para uma Criança, do Itaú Social) veio a reflexão de que o universo cabe onde estamos e com as pessoas que conhecemos. Enquanto do “A Jornada de Tarô” (de Dosho Saikawa), um livro de inspiração budista com o qual tiveram contato durante a pesquisa do “Olhai por Nós”, veio um tom oriental.



Esse tom cria uma cena que nos apresenta um boneco em busca de um coração. Sua aventura o leva a encontrar criaturas como um unicórnio e uma fênix e a passear pelo mundo em sua jornada, na busca por sua essência, seu coração. As figuras que ele encontra são dançadas, atuadas e vividas pelos bailarinos, que ora são personagens, ora são manipuladores de bonecos-personagens, e ora são outros elementos de uma cena visualmente complexa e impactante.

As formas animadas, seu estilo visual e a inspiração que dialoga com livros infantis tornam “A Jornada de Kokoro” um espetáculo que não é exatamente infantil, mas é muito bem recebido por crianças, sem trabalhar, no entanto, de forma infantilizada, e se dispondo a mostrar uma gama ampla de reações e relações pessoais.

O resultado faz um trabalho que lembra o teatro de marionetes, mas numa versão muito ampliada, do tamanho do teatro todo, e articula, além das referências da dança contemporânea, explorações ligadas às artes marciais e ao zen budismo.

“A Jornada de Kokoro” mostra ao mesmo tempo as forças e as dificuldades da Lamira. É um sucesso na combinação de linguagens e construção de propostas de obras de artes cênicas, mas também fala da dependência das oportunidades para a criação e para a circulação das obras da companhia, e da complexidade da manutenção de elencos contínuos em Palmas.



Foto: Fláviana OX





Foto: Flaviana OX

Sobre as oportunidades, foi uma nova parceria com a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Tocantins (UFT) que disponibilizou espaço para a montagem da obra. Porém, mesmo com o espaço garantido, com toda a variação de elenco que houve ao longo do processo, a obra se transforma continuamente. Meses depois da estreia, na segunda temporada de “A Jornada de Kokoro”, já vemos mais alterações no elenco, novamente reduzido, o que demanda que João volte à cena no espetáculo.

Carol e João têm sido chamados de volta ao palco constantemente. Há anos os diretores tentam reduzir sua participação em cena e, no entanto, continuam sendo chamados de volta. É um processo complexo. A dança se estabeleceu bem em Palmas e foi acolhida ali. Isso não significa necessariamente que tenha se expandido enquanto atividade profissional, mesmo que esteja presente em diversas escolas e formações.



A falta de espaços profissionais e de oportunidades, como a própria Lamira enfrenta, dificulta a continuidade das carreiras, o que demanda um esforço brutal, que há 15 anos é a marca da própria Lamira. Nas primeiras obras da dupla, mesmo antes de o nome Lamira surgir, a crítica de dança Helena Katz já apontava a importância e o valor dessa missão de levar a dança para um lugar onde ainda não havia dança.

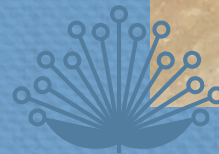
Depois de 15 anos, a missão mudou. Existe dança em Palmas, e a Lamira é uma referência nacionalmente reconhecida por sua produção. Sua dificuldade agora se aproxima de uma dificuldade que vemos em diversos outros espaços do Brasil: garantir a possibilidade da continuidade da dança profissional.

Não é uma missão fácil. Mas tem sido encarada e realizada, conforme as possibilidades, e com um tanto de sucesso e reconhecimento do trabalho da Lamira Artes Cênicas.

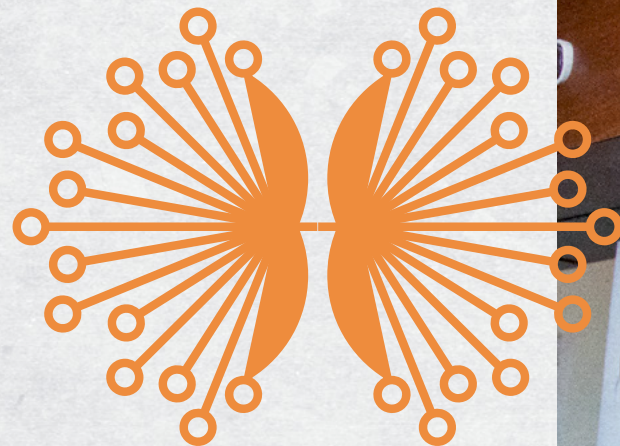
A JORNADA DE KOKORO (2024)

Concepção e Coordenação Geral: **Carolina Galgane**
Direção Artística, Cenografia e Coreografia: **João Vicente**
Direção de Formas Animadas: **Eduardo Custódio e Paulo Martins Fontes (Grupo Gente Falante/RS)**

Iluminação: **Lúcio de Miranda**
Figurino: **Renan Vilas (Bambolina Figurinos)**
Trilha Sonora: **Gustavo Finkler e Renata Mattar**
Elenco de Estreia: **Gabriela Corrêa, Vanessa Souza, Yasmim Lima**







OUTROS PROJETOS



Foto: Flaviana OX



OUTROS PROJETOS



MATURANDO

Comemorando os 5 primeiros anos de atividade, a Lamira produziu um foto-livro, uma exposição e apresentações do seu repertório. O aniversário foi em 2015, mas o projeto só teve a verba liberada para sua realização em 2016, ano que viu todas suas ações.

O foto-livro “Maturando” apresenta registros da fotógrafa Flaviana Ox, que trabalha há muito tempo com a Lamira, em uma composição que observa todo o repertório da companhia até aquele momento, em detalhes que apresentam as obras, suas estruturas, mas também seus processos, e até reações do público.

Junto do lançamento do livro, a Lamira produziu uma exposição, que conta sua história em ainda outro formato, criando espaços de instalações para cada uma das obras, misturando imagens, materiais, cenografia e tornando o próprio espaço expositivo uma forma de se entrar em contato com a experiência da companhia.



OUTROS PROJETOS



MULHERES DA CENA

Em 2021, a Lamira produziu seu primeiro documentário. “Mulheres da Cena”. Nele, encontramos as histórias de Dalila Cristiny, Ester Tapioca, Iva de Oliveira, Marcela Pultrini, Meire Maria, Renata Ferrreira, além de Carolina Galgane – mulheres que atuam como dirigentes/fundadoras/mantenedoras de grupos e coletivos de Artes Cênicas em Palmas.

“Mulheres da Cena” coloca em foco histórias, trajetórias, feitos, conquistas, dificuldades, realidades, impactos na comunidade e sonhos dessas mulheres, atuantes em um campo que, como tantos outros, tem uma dominância masculina.

Realizado em parceria com a produtora Vanguarda e a agência Real Imagem, o documentário também é um fruto das ações ligadas à pandemia e foi realizado a partir do Prêmio Emergencial do Tocantins – Audiovisual, do Governo do Estado, com roteiro de Carolina Galgane.



FESTIVAL MULTIVERSO - EDIÇÃO CIRCO

Em 2021, com um incentivo cultural da Agência de Desenvolvimento do Turismo, Cultura e Economia Criativa (Adetuc), a Lamira realizou o Festival MultiVerso – Edição Circo. O evento *on-line* incluiu uma programação de apresentações, oficinas e *lives* em redes sociais, com participações de artistas do Tocantins, do Maranhão e da Itália, em ocasiões de troca e compartilhamento, contato com o público, aproveitando, ainda, das redes à distância desenvolvidas durante o período pandêmico.



FESTIVAL
MULTIVERSO
CIRCO

10 anos
Lamira
artes cênicas

 **LIVE de
abertura**

dia
07/10
às
20:30

Bate papo com os artistas
**André Rodrigues e
Alfredo Germán**



FESTIVAL
MULTIVERSO
CIRCO

10 anos
Lamira
artes cênicas

Inscrições até
dia 19.09

Premiações de até R\$ 1.850,00
Podem participar artistas de todo o estado do Tocantins



PLATAFORMA A DOCE MATÉRIA MATER

Os trabalhos de “Quando Dormes”, “Sobre Si” e o documentário “Mulheres da Cena” testemunham o interesse e a dedicação da Lamira sobre temas ligados ao universo das mulheres e da maternidade, que, em 2022, levou à realização de uma exposição virtual chamada “A Doce Matéria Mater”.

Com coordenação de Carolina Galgane e curadoria de Aline Teixeira, Juana Miranda, Marina Boaventura e Luara Aquino, focada em artistas-mães e seus trabalhos, a exposição e a plataforma *on-line* criada para ela disponibilizam obras de artes cênicas, artes visuais, audiovisual, literatura e música, incluindo eixos de acessibilidade para as obras, como acontece em diversas ações da Lamira.

O conjunto das obras selecionadas, além de uma oportunidade de reconhecimento e remuneração dessas artistas, também oferece uma diversidade de olhares sobre o ser mãe e o ser mãe-artista. “A Doce Matéria Mater” abre o espaço para que essa discussão essencial encontre mais vozes, mais artistas e mais pensamento sobre o assunto.



PLATAFORMA A DOCE MATÉRIA MATER



OUTROS PROJETOS



SEMINÁRIO DE MEDIAÇÃO CÊNICA E ESCRITA CRÍTICA

Em 2024, o crítico e pesquisador de dança Henrique Rochelle foi a Palmas para realizar o primeiro Seminário da Lamira. Focado em Mediação Cênica e Escrita Crítica, o Seminário foi aberto ao público, teve parceria com a Universidade Federal do Tocantins (UFT) e participação da professora Rose Bodnar em suas atividades e levou à publicação de catálogos com textos que os participantes escreveram sobre algumas das obras da Lamira, a partir das atividades desenvolvidas.





15 ANOS DE ARTES CÊNICAS



O impacto dos resultados da Lamira às vezes não deixa perceber o esforço de seus trabalhos. Mesmo que acolhedora, a capital mais jovem do país e seu eterno canteiro de obras no coração do cerrado é cercada de desafios próprios. Todos os deslocamentos da e para a região norte são caros. Tudo ocorre em tempos específicos.

Se a menção à companhia de dança profissional do Tocantins gera interesse e curiosidade por toda parte, ser a única é sempre uma dificuldade: é mais complicado estabelecer redes, dar continuidade, ter garantias.



Em 15 anos de atividades, a Lamira continua sem uma sede própria. Cada obra de seu repertório foi criada em um espaço diferente, a partir das parcerias e das possibilidades que foram construídas a cada situação. Cada obra foi criada com um orçamento, uma condição e uma estrutura diferentes, a partir dos financiamentos de cada momento.

Se Carol e João são uma força que garante a continuidade da Lamira, a dependência dos editais de apoio faz com que a companhia tenha que trabalhar de projeto em projeto, dificultando o planejamento a longo prazo.

Isso também é um problema para manter elencos. Durante um edital é fácil saber o que existe de verba e para quanto tempo de trabalho. Mas os editais terminam, a aprovação dos editais seguintes atrasa, o ano vira, e as pessoas percebem que lidar



com arte é realmente complicado, lidar com arte profissional é mais, e lidar com arte profissional no norte do Brasil é ainda mais.

Esse percurso não foi feito pela Lamira sem sofrimento e sem dúvidas. Mas, nesses primeiros 15 anos, a insistência foi forte. Preciso ser.



Se a Lamira consegue realizar vários projetos, é porque outros tantos são imaginados, elaborados, inscritos em instrumentos de apoio, e nem sempre são aprovados, nem sempre se desenvolvem.



Foto: Flávia OX

Para cada realização, outras tantas ideias ficam pelo caminho. Mas são como as folhas secas no entorno de uma árvore: fazem parte do solo fértil. Custam esforço e trabalho intenso, mas geram ideias, empurram as propostas, carregam o movimento...

Continuam e seguem pelo tempo e pelo espaço e, quando a situação favorece, despencam de uma vez, com a força das cachoeiras do Taquaruçu. Outras vezes, demoram um pouco mais. Germinam, criam raízes, florescem delicadamente e são lançadas ao vento, como a flor do pequi, que parece que não cai, mas pausa.

Entre a delicadeza da flor do pequi, e a força das cachoeiras do Taquaruçu: assim se mantém a Lamira, há 15 anos fazendo brotar arte em Palmas, para o mundo.





CIRCULAÇÃO

Ao longo desses 15 anos, a Lamira Artes Cênicas realizou 392 apresentações, passando por **128 cidades**, e atingindo um público de 71.867 pessoas.

Pelo Brasil, a Lamira passou por:

REGIÃO NORTE

Acre				
Rio Branco	Rondônia	Vilhena	Brejinho de Nazaré	Miracema
Amapá	Ariquemes	Roraima	Colinas do Tocantins	Natividade
Macapá	Cacoal	Boa Vista	Cristalândia	Palmas
Amazonas	Guarajá Mirim	Tocantins	Divinópolis do	Paraíso do TO
Manaus	Ji Paraná	Araguaína	Tocantins	Porto Nacional
Pará	Nova Mamoré	Aparecida do Rio Negro	Gurupi	São Félix
Belém	Porto Velho	Araguatins	Lajeado	Taquaruçu
Castanhal	Presidente Médice	Arraias	Mateiros	Tocantínia

REGIÃO CENTRO-OESTE

Goiás			
Anápolis	Mato Grosso	Primavera do Oeste	
Aparecida de Goiânia	Águas de Miranda	Rondonópolis	
Distrito Federal	Cuiabá	Mato Grosso do Sul	
Brasília	Poconé	Campo Grande	
		Dourados	



REGIÃO NORDESTE

Alagoas	Paulo Afonso	Milagres	João Pessoa
Maceió	Salvador	Quixeramobim	Pernambuco
Bahia	Ceará	Sobral	Recife
Camaçari	Fortaleza	Maranhão	Piauí
	Ibiapina	São Luis	Teresina
	Iguatu	Paraíba	Rio Grande do Norte
	Maracanaú	Campina Grande	Natal

REGIÃO SUDESTE

Espírito Santo	Paraty	Itápolis
Vila Velha	Rio de Janeiro	Novo Horizonte
Vitória	Rosinha de Valença	Piracicaba
Minas Gerais	São João do Meriti	Porto Feliz
Bela Vista de Minas	Teresópolis	Presidente Prudente
Belo Horizonte	São Paulo	Registro
Mateus Leme	Araraquara	Ribeirão Preto
Uberlândia	Bauru	Santos
Rio de Janeiro	Bebedouro	São Carlos
Barra Mansa	Bertioga	São José do Rio Preto
Madureira	Catanduva	São Paulo
Niterói	Franca	São Pedro
	Intanhaém	Tietê

REGIÃO SUL


Paraná	Ivaiporã	Rio Grande do Sul	Florianópolis
Cascavel	Toledo	Porto Alegre	Joinville
Curitiba	Umuarama	Santa Catarina	São Francisco do Sul



PROJETOS

Nesses 15 anos,
as atividades da Lamira
foram apoiadas por
66 projetos e editais.

-  **Banco da Amazônia**
2010, 2012, 2022
-  **Caixa Cultural Brasília**
2019
-  **Caixa Cultural Curitiba**
2013, 2019
-  **Caixa Cultural Fortaleza**
2014, 2017, 2018
-  **Caixa Cultural Recife**
2019

-  **Caixa Cultural Rio de Janeiro**
2018, 2019, 2024
-  **Caixa Cultural Salvador**
2019
-  **Circuito Sesc de Artes SP**
2015
-  **Circuitos de Eventos
Tradicionais do Tocantins**
2012
-  **Difusão SESC CE**
2023
-  **Edital SESC Pulsar - RJ**
2022, 2023
-  **Edital SESI Viagem Teatral
Espetáculos não inéditos**
2021
-  **Festival Funarte Acessibilidança**
2020, 2021
-  **Festival Funarte Teatro Virtual**
2020
-  **Prêmio Funarte Circulação
das Artes - Edição Centro-Oeste**
2021
-  **Prêmio Funarte Circulação
e Difusão da Dança**
2022

-  **Prêmio Funarte
Klauss Vianna de Dança**
2009, 2011, 2014, 2015
-  **Prêmio Funarte Myriam Muniz de Teatro**
2009, 2012, 2014
-  **Prêmio Funarte RespiArte**
2020
-  **Programa Rumos -
Itaú Cultural**
2012-2014
-  **Lei Aldir Blanc Estadual -
Teatro/Circo/ Audiovisual/Patrimônio**
2021
-  **Lei Aldir Blanc Municipal -
Palmas: Manutenção**
2021
-  **Lei Paulo Gustavo Fundação Cultural de
Palmas (Audiovisual). Mostra!Curta!**
2023
-  **Lei Paulo Gustavo Fundação Cultural
de Palmas (Dança). Seminário**
2023
-  **Lei Paulo Gustavo Tocantins (Dança)**
2023
-  **Lei Rouanet**
2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2024

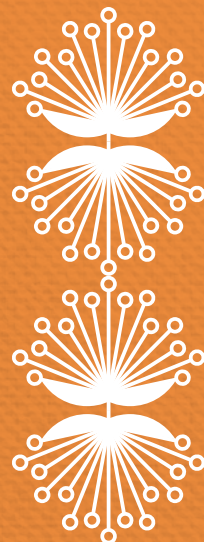
-  **Política Nacional Aldir Blanc Tocantins**
2024
-  **Prefeitura de Palmas**
2014
-  **Prêmio Arnaud Rodrigues**
2011, 2011
-  **Prêmio Funarte Artes de Rua**
2011
-  **Produção Lamira**
2013, 2017
-  **Programa Funarte Retomada -
Manutenção de Grupos e Coletivos**
2023, 2024
-  **Programa Municipal de Incentivo
à Cultura de Palmas - PROMIC**
2015, 2018
-  **SESC Amazônia das Artes**
2013, 2018
-  **Sesc Cultura ON**
2020
-  **Sesc Palco Giratório**
2014, 2023



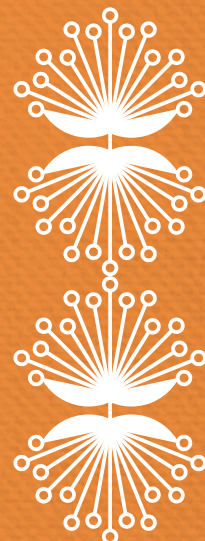
COLABORADORES

A Lamira Artes Cênicas agradece
aos diversos colaboradores
que fizeram parte
dos nossos 15 anos.

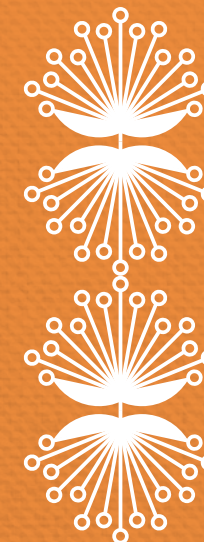
Adailton Bispo
Adelvane Néia
Adenir Silva Rodrigues
Adriana Vaz
Alexandre Costa de Castro
Alexandre Figueiredo de Oliveira
Aline Borba
Aline Teixeira
Ana Elisa Martins
Ana Paula Kopin
Ana Teixeira
André Araújo
Anna Carolyne Pacheco
Aretha Maciel
Arthur Paião
Beatriz Lage
Benedita Moreno



Bernardo Amorim Bastos
Breno Jadvas
Caio Brettas
Charles Nunes
Cláudio Montanari
Cleiton Monteiro
Dhiego Santos Vitor
Diogo Lima de Paula
Divina Izabel
Edilene Chaves
Eduardo Custódio
Elton Fialho
Evanilde Nery
Fernanda Vianna
Fernando Patriaca
Fernando Yamamoto
Flaviana OX
Frederico Patriarca
Gabriel Stroglio
Gabriela Bessa
Gabriela Carlin
Gabriela Corrêa
Gabriela Mendes
Gisele Carvalho
Guadalupe Galgane
Gustavo Finkler
Hamistelie Soares
Heitor Oliveira
Hélder Vasconcelos
Helena Katz
Henrique Rochelle
Hermann Eloy



Isabela Costa Siqueira
Janaina Freire
Jean da Costa Aguiar
Jefferson de Cerqueira
Jéssica Vieira Ribeiro
Jhon Weiner de Castro
Johnson Moraes
Josely Barros de Aquino
Juana Miranda
Kelly Yamada
Lais Ossami
Letícia Gomide
Luan Crispim
Luana Martins
Luara Aquino
Luciane Marquezzine
Luciane Marquezzine
Lúcio de Miranda
Luiz Felipe Souza Pereira
Luiz Izidoro
Luiz Melchiades Gomes Sobrinho
Maia Galgane
Maíra Zannon
Marcelo Antunes
Márcia Sommer
Marcial Azevedo
Marcilene Lustosa
Marcos França
Mariana Guedes
Marina Boaventura
Mauro Guilherme
Monise Busquets



Naná Maris
Neiva Yamada
Oneide Perius
Oscar Zimmermann
Pato Giro
Patrícia Fregonesi
Paulo Costa
Paulo Martins Fontes
Rafaela Lage
Railene Soares de Vasconcelos
Raquel Ilga Etges
Renan Villas
Renata Mattar
Renata Souza
Renato Moura
Roberto Giovanetti
Rodnei Ribeiro
Rodrigo Costa Assis
Rogério Romualdo Pinto
Roosevelt Saavedra
Roseli Bodnar
Sara Gomes
Seique Yamada
Silma Dornas
Taiom Taiwera
Tales Monteiro
Thallyta Teixeira
Vanessa Paula de Oliveira
Vanessa Sousa
Vinícius Della Líbera
Vivian Oliveira
Yasmim Lima



AGRADECIMENTOS

Nosso muito obrigado a algumas pessoas
que através de diversas parcerias
participaram da concretização
dos 15 anos da Lamira.

Alessandra Britez
Bettina Bellomo
Chicão Santos
Cícero Belém
Diana Fontes
Dimas Magalhães Neto
Eleonora Greca
Eli Maciel
Fabiano Carneiro
Genário Dunas

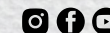
Helena Vasconcelos
Henrique Rochelle
Jeferson Marques
José Anatólio
Kennedy Rodrigues
Lenine Alencar
Maria Veloso
Matias Santiago
Meire Maria
Motoristas do Palco Giratório

Noeci Carvalho
Oneide Perius
Plácido Gonçalves Meirelles Junior
Rui Moreira
Serginho Moreira
Sonielson Sousa
Vera Bicalho
Veridiana Barreto
Wetemberg Nunes



Este projeto foi realizado com recursos da
Política Nacional Aldir Blanc/PAAR 2024, com recursos do Ministério da Cultura
operacionalizados pela Secretaria da Cultura do Tocantins.

Este projeto também é fomentado pelo programa Funarte de Apoio a
Ações Continuadas 2023 - Grupos e Coletivos Artísticos. Projeto Lamira Viva!



LamiraArtesCenicas

WWW.LAMIRA.COM.BR

Apoio Cultural:



SECRETARIA DA
CULTURA



GOVERNO DO
TOCANTINS
TRABALHANDO E CUIDANDO DE TODOS

Realização:



MINISTÉRIO DA
CULTURA

